

Impacto da distância cultural no desempenho dos países nas Olimpíadas: Uma contribuição da Institutional-Based View

Leandro Januario de Souza– leandrojanuariodesouza@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Administração (stricto sensu) da Universidade Nove de Julho

Julio Araujo Carneiro da Cunha– juliocunha@yahoo.com

Programa de Pós-Graduação em Administração (stricto sensu) e Mestrado Profissional em Gestão do Esporte (stricto sensu) da Universidade Nove de Julho

Área temática: Gestão do Esporte e Entretenimento

Resumo

Distâncias culturais explicam como os habitantes de cada país se relacionam com seus pares e constroem sua visão de mundo. Em competições esportivas internacionais como os Jogos Olímpicos atletas de determinados países obtém resultados superiores não apenas pela preparação adequada, mas por aspectos culturais que os diferenciam dos rivais e explicam o desempenho superior. Buscar entender como distâncias culturais afetam o desempenho esportivo dos países pode ser um avanço para a literatura. De modo que mostre os efeitos de determinadas dimensões culturais na conquista de medalhas dos países ao longo do tempo. Estudar o impacto das distâncias culturais no desempenho esportivo de países, numa abordagem teórico-empírica, é, assim relevante e oportuno, permitindo a identificação de melhorias na gestão e desempenho do esporte. Assim, o objetivo do nosso estudo foi identificar os efeitos das distâncias culturais no desempenho esportivo dos países entre as edições dos Jogos Olímpicos de 1896 a 2012. Fizemos uso da regressão linear múltipla, visto que o valor da variável dependente do modelo teórico proposto é função linear de quatro variáveis independentes. O *software* utilizado para o teste do modelo foi o SPSS 20. Apesar do fato da auto percepção do ‘nós’ ser tradicionalmente considerada uma vantagem para os atletas olímpicos, sugerimos que a baixa tolerância às desigualdades dentro do país e o elevado individualismo dos países são os principais determinantes daqueles países que ao longo da história conquistaram um maior número de medalhas olímpicas. Ao contrário disso, não comprovamos existir relação entre maior aversão à incerteza e maior número de medalhas olímpicas conquistadas, assim como maior índice de masculinidade e maior número de medalhas olímpicas conquistadas. Oferecemos as seguintes contribuições para a pesquisa de Gestão do Esporte. Em primeiro lugar, explicar como o contexto institucional, especialmente as distâncias culturais entre os países afetam o desempenho esportivo. Em segundo lugar, responder a chamada para desenvolver uma compreensão mais abrangente da Gestão do Esporte na academia, e a ligação entre distâncias culturais e desempenho esportivo, mostrando o comportamento das variáveis num modelo teórico.

Palavras-chave: Distâncias culturais. Desempenho esportivo. Ambiente institucional.

1. Introdução

A cultura é como um *software* que diferencia os padrões de comportamento, ações e atitudes das pessoas que habitam diversos países (HAN et al, 2010). A cultura abrange um conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo de significação na vida social, e esses processos não acontecem da mesma maneira em todas as regiões do mundo (DEYNELI, 2014). Supõe-se assim que existam diferenças entre países (DEEPHOUSE, NEWBURRY e SOLEIMANI, 2015), tais como língua, as leis e os ideias que sedimentam a personalidade das pessoas (TARAS, STEEL e KIRKMAN, 2012; PARK, KIM e ZHANG, 2016). Essas diferenças entre países são conhecidas como distâncias culturais (HOFSTEDE, 1980), e explicam como os habitantes de cada país se relacionam com seus pares e constroem sua visão de mundo (RENIERS e GIDRON, 2013). Esse entendimento é útil quando buscamos explicar disputas esportivas pela ótica do institucionalismo. Em competições esportivas internacionais como os Jogos Olímpicos atletas de determinados países obtém resultados superiores não apenas pela preparação adequada (GUTIÉRREZ-AGUILAR, FERNÁNDEZ-ROMERO e SAAVEDRA-GARCÍA, 2014), mas por aspectos culturais que os diferenciam dos rivais e explicam o desempenho superior. Além disso, a busca por legitimidade dos países e de seus respectivos comitês olímpicos provoca a imitação de padrões de preparação, treinamento e execução dos movimentos. Todavia, imitar não é suficiente para garantir conquistas e prêmios olímpicos. Assim, o desempenho superior dos atletas de determinados países ao longo dos tempos em Jogos Olímpicos é mais bem explicada pela *Institutional-Based View* (numa tradução livre, Visão Baseada nas Instituições), especialmente pela instituição cultura.

As forças institucionais afetam o comportamento das pessoas e sua capacidade de tomada de decisão (HOFFMAN e JENNINGS, 2015). Instituições reduzem a incerteza e facilitam a interação e convivência entre pessoas dentro de um país (CABALLERO e SOTO-OÑATE, 2015). Existem instituições formais, tais como governo, cultura, religião (EISENHARDT, 1988), e instituições informais como corrupção e procrastinação (WANG et al, 2012). Quanto a cultura, sua mensuração em nível de empresas e países não é algo novo (HOFSTEDE, 2006). Estudos anteriores buscaram responder como diferenças culturais se relacionavam com a cultura organizacional (HOFSTEDE, 1980), e como afetavam a entrada de empresas no estrangeiro (KOGUT e SINGH, 1988). Buscar entender como distâncias culturais afetam o desempenho esportivo dos países pode ser um avanço para a literatura. De modo que mostre os efeitos de determinadas dimensões culturais na conquista de medalhas dos países ao longo do tempo. Estudar o impacto das distâncias culturais no desempenho esportivo de países, numa abordagem teórico-empírica, é, assim relevante e oportuno, permitindo a identificação de melhorias na gestão e desempenho do esporte. Assim, o objetivo do nosso estudo foi identificar os efeitos das distâncias culturais no desempenho esportivo dos países entre as edições dos Jogos Olímpicos de 1896 a 2012. Oferecemos as seguintes contribuições para a pesquisa de Gestão do Esporte. Em primeiro lugar, explicar como o contexto institucional, especialmente as distâncias culturais entre os países afetam o desempenho esportivo (GILMOUR e ROWE, 2012). Em segundo lugar, responder a chamada para desenvolver uma compreensão mais abrangente da Gestão do Esporte na academia (ISTRATE, MACOVEI e BUCUR, 2015), e a ligação entre distâncias culturais e desempenho esportivo, mostrando o comportamento das variáveis num modelo teórico (TIAN et al, 2015), especialmente buscando generalizar os achados a um conjunto de países que notadamente conquistaram ao menos uma medalha nos Jogos Olímpicos. Em terceiro lugar, fornece um panorama que mostra as características culturais que diferencia os maiores vencedores de medalhas ao longo do tempo dos menos vencedores.

Fizemos a pesquisa empírica com dados secundários provenientes de duas bases. Dados sobre as diferenças culturais entre os países foram encontradas no *survey* de Hofstede (1980) sobre a influência da cultura nos valores das pessoas. Dados sobre o desempenho esportivo foram encontrados no *website* do *International Olympic Committee* (IOC, s/d). Foram 34 países ganhadores de medalhas desde 1896 estudados, distribuídos entre os continentes América do Norte, América Central, América do Sul, Europa, África e Ásia.

Para facilitar o entendimento, o artigo está assim organizado. Na primeira seção apresentamos o desenvolvimento conceitual e as hipóteses decorrentes do argumento teórico. Na segunda seção os procedimentos metodológicos. Na terceira seção os resultados. Na quarta seção a discussão dos resultados. Na quinta seção as considerações finais.

2. Desenvolvimento conceitual e hipóteses

Os Jogos Olímpicos coorganizado pelo IOC (*International Olympic Committee*) e o comitê olímpico local do país sede é o maior evento esportivo do mundo (BERNARD e BUSSE, 2004), sendo considerado, portanto, um megaevento. Tem uma função simbólica para a nação-sede, já que ela induz senso de comunidade, excitação e emoção para os residentes do país sede (CHALKLEY e ESSEX, 1999), além de ter grande influência social na cultura contemporânea mundial (TOOHEY e VEAL, 2007). Arelado ao simbolismo do evento esportivo está as instituições (FERNÁNDEZ-DOLS e RUIZ-BELDA, 1995), subjacentes para alguns e explícita para outros (MEYER e HOLLERER, 2014). Além disso, países mais desenvolvidos economicamente, e que, portanto, participam dos Jogos Olímpicos, têm mais instituições formais fortes (i.e., o ambiente institucional tem menos debilidades e ineficiências institucionais (FUENFSCHILLING e TRUFFER, 2014). Países menos desenvolvidos economicamente, e que, portanto, participam dos Jogos Olímpicos, além de maiores debilidades e ineficiências institucionais (MEYER e HOLLERER, 2014), têm aumento das instituições informais em função da incapacidade das instituições formais em satisfazer minimamente as demandas da sociedade (e.g., pessoas, empresas, etc.) (CABALLERO e SOTO-OÑATE, 2015). Implicando assim no desempenho destes países nas edições do Jogos Olímpicos (GILMOUR e ROWE, 2012).

Há um conjunto de forças que exerce influência sobre a sociedade (EISENHARDT, 1988), provendo um ambiente normativo para as relações entre pessoas (FUENFSCHILLING e TRUFFER, 2014) – sempre ancoradas pelo pressuposto da racionalidade limitada que aponta que o comportamento é estruturado e previsível (MEYER e HOLLERER, 2014). As instituições orientam como as pessoas definem seus interesses e como estruturam suas relações de poder (HOFFMAN e JENNINGS, 2015). Por meio da instituição cultura é possível visualizar como valores e regras são compartilhadas e como são percebidas as relações de subordinação e dominação (HOFSTEDE, 1980), além de permitir a visualização da identidade do grupo (WANG et al, 2012). Como *software* de computadores, a cultura funciona como um programa mental para os seres humanos, desempenhando um papel significativo sobre a forma das pessoas pensar e agir (HOFSTEDE, 1984). No sentido global, culturas diferem entre nações (HOFSTEDE, 1983). Por essa razão, mensurá-la não é algo fácil (EISENHARDT, 1988). Muitos autores sem sucesso tentaram chegar a um modelo testável (FUENFSCHILLING e TRUFFER, 2014), mas uma pesquisa executada há anos até hoje é a mais referenciada no mundo (KOGUT e SINGH, 1988), o *survey* sobre o impacto da cultura do país nos valores das pessoas, intitulado *Cross-Cultural Research and Methodology* (HOFSTEDE, 1980). Nesse estudo os *scores* obtidos são ligados ao grupo, excetuando especificidades individuais (HOFSTEDE e BOND, 1984). São quatro dimensões: distância do

poder, aversão à incerteza, individualismo Vs. coletivismo e masculino Vs. feminino (HOFSTEDE, 1980), que no seu conjunto explica as diferenças culturais entre os países.

De acordo com essa abordagem institucional, o desempenho esportivo nos Jogos Olímpicos sofre influência direta, não necessariamente uma relação causal, da cultura do país sobre as conquistas de medalhas. Desse modo apresentamos o modelo conceitual e propomos quatro relações testáveis empiricamente.

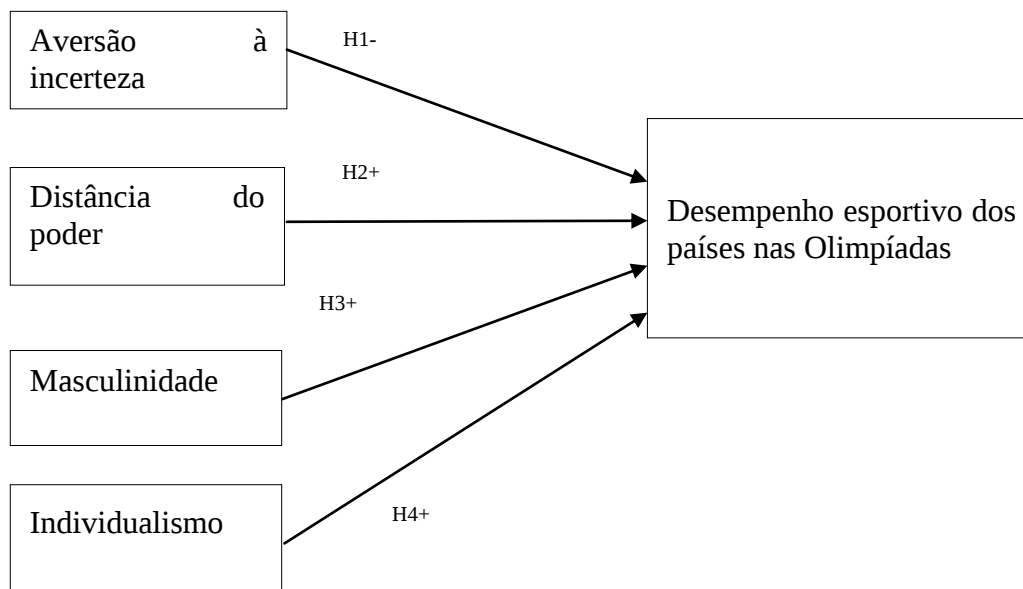


FIGURA 1 – Modelo conceitual. Fonte: Os autores.

Nós utilizamos o conceito de cultura, tal como definido por Hofstede (1984) e de Hofstede (1983) sobre dimensões culturais para caracterizar a cultura nacional no que se refere aos sistemas de valores de países com conquistas de medalhas nos Jogos Olímpicos.

Aversão à incerteza e desempenho esportivo

Sentimentos de incerteza criam ansiedade nas pessoas (HOFSTEDE e BOND, 1984). Aversão à incerteza pode ser definida como a preferência das pessoas por regras conservadoras, mesmo aquelas não formais (HOFSTEDE, 1983). Um país com alto grau de aversão à incerteza mostra que o que é diferente é perigoso, enquanto que, países com baixa aversão à incerteza, há curiosidade por aquilo que é diferente (HOFSTEDE, 1984). Altos escores de aversão à incerteza significam, portanto, uma maior média do nível de ansiedade entre as pessoas em um país para evitar atitudes e comportamentos que poderiam aumentar essa ansiedade (HOFSTEDE e BOND, 1984). Assim, os indivíduos em tais sociedades são menos avessos a tomar riscos. Por outro lado, as pessoas que vivem em sociedades com elevada aversão à incerteza tendem a ter um maior nível de ansiedade, que pode se manifestar em maior competitividade no esporte por privilegiar a preparação e o condicionamento tradicional antes dos eventos esportivos. Países com uma política de formação e revelação de atletas, como os EUA, por exemplo, mantém quase intacta o formato de preparação de jovens talentos da escola primária (*elementary school*), a faculdade (*college*), denotando assim um respeito a tradição e repúdio a modelos de desenvolvimento esportivo instáveis como da Rússia e China (GUTIÉRREZ-AGUILAR, FERNÁNDEZ-ROMERO e SAAVEDRA-GARCÍA, 2014). Assim, é razoável supor que países com baixa aversão à incerteza têm pior resultado esportivo do que países com elevada aversão à incerteza. Em outras palavras, estabelece-se:

Hipótese (H1): Quanto menor a aversão à incerteza menor é o desempenho esportivo do país na série histórica dos Jogos Olímpicos

Distância do poder e desempenho esportivo

Distância do poder pode ser definida como a medida de tolerância dos membros menos poderosos dentro de um país em aceitar a desigualdade, o poder assim é distribuído desigualmente (HOFSTEDE, 1983). Os países são desiguais, uns mais que outros (HOFSTEDE, 1984). Na prática, o que é medido é o grau de desigualdade da sociedade. Distância do poder reflete a gama de respostas encontradas nos vários países para a questão básica de como lidar com o fato de que as pessoas são desiguais (HOFSTEDE e BOND, 1984). A diferença entre países reflete em pares de papéis pai-filho, aluno-professor, subordinado-chefe, governantes-cidadãos (HOFSTEDE, 1980). A alta distância do poder é típica em países desiguais internamente, baixa distância do poder é típica em países com equidade aproximada (HOFSTEDE, 1983). Países com baixa distância do poder obtém melhores resultados em competições esportivas, pois desde a formação de base os atletas aprendem a ser pró-ativos e não esperam que lhe digam o que fazer para ganhar. Assim, é razoável supor que países com baixa distância do poder têm melhor resultado esportivo. Em outras palavras, estabelece-se:

Hipótese (H2): Quanto menor a distância do poder maior é o desempenho esportivo do país na série histórica dos Jogos Olímpicos

Masculinidade e desempenho esportivo

Um país é chamado masculino quando as pessoas são assertivas, resistentes e focadas no sucesso material, enquanto que um país é feminino quando supostamente é mais modesto, sensível e preocupado com a qualidade de vida (HOFSTEDE, 1980), em países com sociedades mais resistentes, as diferenças são bem maiores que em outras. Países mais masculinos conferem mais valor a competição, ambição e autoconfiança (HOFSTEDE e BOND, 1984), características essenciais para um atleta vencedor, países mais femininos conferem mais valor a cooperação (HOFSTEDE, 1984). Trata-se da disposição comportamental adquirida que influencia o comportamento coletivo (HOFSTEDE, 1983). No esporte, a performance, a liderança, a coesão da equipe, os aspectos organizacionais e administrativos são produtos da cultura do país. Assim, é razoável supor que um país mais masculino tem melhor resultado esportivo. Em outras palavras, estabelece-se:

Hipótese (H3): Quanto maior a masculinidade maior é o desempenho esportivo do país na série histórica dos Jogos Olímpicos

Individualismo e desempenho esportivo

Em países individualistas os laços entre os indivíduos estão soltos: de todo mundo é esperado que proteja mais si próprio que sua família. Enquanto que em países coletivistas as pessoas desde o nascimento são integradas fortemente em grupos, que ao longo de suas vidas continuam a protegê-los em troca de lealdade inquestionável (HOFSTEDE, 1983). A questão básica é a postura das pessoas em relação ao grupo, para denotar individualismo, a auto-percepção 'nós' ou 'eu' (HOFSTEDE e BOND, 1984). Traços de individualismo ou de

coletivismo também impactam a percepção de risco (HOFSTEDE, 1984). Risco esse necessário no esporte, quando há mobilização para a conquista, desenvolvimento e à utilização esforços para muitos sobre-humanos (GUTIÉRREZ-AGUILAR, FERNÁNDEZ-ROMERO e SAAVEDRA-GARCÍA, 2014). Assim, é razoável supor que um país mais individualista tem melhor resultado esportivo. Em outras palavras, estabelece-se:

Hipótese (H4): Quanto maior o individualismo maior é o desempenho esportivo do país na série histórica.

3. Método

O estudo empírico realizado incidiu sobre a identificação dos efeitos das distâncias culturais no desempenho esportivo dos países entre as edições dos Jogos Olímpicos de 1896 a 2012. Utilizamos exclusivamente dados secundários provenientes dos registros do *International Olympic Committee* e do *survey Cross-Cultural Research and Methodology*.

Amostra e procedimentos analíticos

A amostra do estudo foi constituída por 34 países que ao menos conquistaram uma medalha entre as edições dos Jogos Olímpicos de Atenas em 1896 até Londres 2012. Os países estão distribuídos em todos continentes: América do Norte, América Central, América do Sul, Europa, África e Ásia. Compuseram a amostra: Brasil (21 participações, 108 medalhas), Argentina (23 participações, 70 medalhas), Áustria (26 participações, 86 medalhas), Bélgica (25 participações, 142 medalhas), Canadá (25 participações, 278 medalhas), Chile (22 participações, 2 medalhas), China (9 participações, 473 medalhas), Colômbia (18 participações, 19 medalhas), Dinamarca (27 participações, 179 medalhas), Equador (13 participações, 2 medalhas), França (26 participações, 671 medalhas), Alemanha (15 participações, 573 medalhas), Hungria (25 participações, 475 medalhas), Irlanda (20 participações, 28 medalhas), Israel (7 participações, 81 medalhas), Itália (26 participações, 550 medalhas), Japão (21 participações, 398 medalhas), Luxemburgo (22 participações, 2 medalhas), México (22 participações, 62 medalhas), Holanda (24 participações, 266 medalhas), Noruega (24 participações, 148 medalhas), Panamá (16 participações, 3 medalhas), Peru (4 participações, 17 medalhas), Portugal (23 participações, 23 medalhas), Porto Rico (17 participações, 8 medalhas), Rússia (7 participações, 407 medalhas), África do Sul (18 participações, 76 medalhas), Espanha (21 participações, 130 medalhas), Suíça (27 participações, 185 medalhas), Turquia (21 participações, 87 medalhas), Reino Unido (27 participações, 780 medalhas), Estados Unidos (26 participações, 2.399 medalhas), Uruguai (20 participações, 10 medalhas), Venezuela (17 participações, 12 medalhas). A Tabela 1 apresenta algumas estatísticas descritivas que descrevem as variáveis dependentes, independentes e de controle dos países incluídos na amostra. Fizemos uso da regressão linear múltipla, visto que o valor da variável dependente do modelo teórico (figura 1) é função linear de quatro variáveis independentes. O *software* utilizado para o teste do modelo foi o SPSS 20 (*Statistical Package of the Social Sciences*), a escolha se deu devido o livre acesso dos pesquisadores ao programa.

TABELA 1 – Estatísticas descritivas

Variáveis	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Distância do poder	34	11	95	52,15	22,624

Individualismo	34	8	91	51,91	25,676
Masculinidade	34	8	95	52,62	20,226
Aversão à incerteza	34	23	104	71,35	21,341
Medalhas conquistadas	34	2	2399	255,12	437,688
Número total de participação na história	34	7	27	20,76	5,082
Índice de Desenvolvimento Humano	34	,666	,944	,83971	,076362
População dos países	34	1,35569	520,6720 0	64,654887 9	104,616016 40
Valid N (listwise)	34				

Fonte: output do SPSS 20.

Mensuração

Variável dependente

A variável dependente reflete o desempenho esportivo dos países entre os Jogos Olímpicos de 1896-2012, especificamente em relação ao número de conquistadas. Desempenho esportivo é definido como a obtenção bem sucedida do resultado planejado pelo atleta ou delegação esportiva antes e durante a preparação (GUTIÉRREZ-AGUILAR, FERNÁNDEZ-ROMERO, e SAAVEDRA-GARCÍA, 2014). Assim, medimos desempenho esportivo dos países nos Jogos Olímpicos considerando o número total de medalhas em todas as edições por país. Construímos a *proxy* desempenho somando medalhas de ouro, prata e bronze conquistadas pelos países entre 1896 e 2012.

Variáveis independentes

A variável distância cultural foi avaliada em quatro dimensões diferentes, baseadas no *survey Cross-Cultural Research and Methodology* de Hostede (1980), onde é usado a pontuação 1 para o mais baixo e 120 o mais alto. A posição de cada um dos 34 países do estudo original foi expressa por um índice em cada uma das quatro dimensões: (i) a aversão à incerteza (relativo à forma como os indivíduos em diferentes os países lidam com a incerteza). (ii) A distância do poder está relacionada com a desigualdade social e como as pessoas lidam com autoridade que está sendo distribuída de forma desigual. (iii) A masculinidade (é a unidade para a realização versus a preocupação com os outros). (iii) O individualismo (prevalência do indivíduo e do grupo como orientador de comportamentos). Por falta de dados não testamos a quinta dimensão do estudo de distâncias culturais, a orientação de longo prazo (para saber mais, vide HOFSTEDE e BOND, 1984).

Variáveis de controle

Incluimos uma série de variáveis de controle nos modelos de regressão para eliminar potenciais explicações alternativas para as relações propostas. Com isso tentamos impedir que determinadas variáveis que não interessavam para o estudo afetassem a relação entre a variável independente e a dependente. Controlamos a população absoluta dos países (WORD BANK, s/d), número de participação dos países nas edições dos jogos olímpicos (IOC, s/d), e o Índice de Desenvolvimento Humano-IDH (Human Development Reports, s/d). Por considerar que países com uma população grande têm atletas habilitados com índice de

qualificação para uma série de modalidades, aumentando assim suas chances de obtenção de medalha. Países com IDH alto e médio possuem maior preocupação com a prática do esporte, por razões sociais ou políticas, aumentando assim suas chances de obtenção de medalha devido o maior número de atletas que aspiram ao índice de qualificação em suas modalidades. O número de participação de jogos é maior para países que são mais estáveis politicamente desde 1896, por essa razão a falta de equidade na participação não pode explicar o desempenho superior.

4. Resultados

A Tabela 2 apresenta a matriz de correlações para os dados. Não existem correlações tão altas que evidenciem multicolineariedade e a *variance inflation fator (VIF)* está abaixo de 2, nos limites considerados adequados (HAIR et al, 2006). Uma observação, todavia, cabe em relação aos resultados das correlações entre IDH e o individualismo ($R = ,730$). A associação forte não denota necessariamente que o índice de individualismo dos países e o Índice de Desenvolvimento Humano cresçam juntos. Focamos em um nível de significância de 5% e 10%, devido à natureza exploratória do estudo (HAIR et al, 2006).

TABELA 2 – Matriz de correlações

	Distância do poder	Individualismo	Masculinidade	Aversão à incerteza	Medalhas conquistadas	Número total de participação na história	Índice de Desenvolvimento Humano	População dos países	VIFs
Distância do poder	1	-,712**	,063	,412*	-,098	-,439**	-,674**	0,40	1,18
Individualismo	-,712**	1	-,030	-,404*	,460**	,575**	,730**	,123	1,45
Masculinidade	,063	-,030	1	-,013	,197	,003	-,162	,108	1,55
Aversão à incerteza	,412*	-,404*	-,013	1	-,311	-,145	-,263	-,007	1,23
Medalhas conquistadas	-,098	,460**	,197	-,311	1	,241	,309	,374*	1,11
Número total de participação na história	-,439**	,575**	,003	-,145	,241	1	,559**	,065	1,14
Índice de Desenvolvimento Humano	-,674**	,730**	-,162	-,263	,309	,559**	1	,080	1,17
População dos países	,040	,123	,108	-,007	,374*	,065	,080	1	1,09

**Correlação é significativa se $p < 0.01$

* Correlação é significativa se $p < 0.05$

Fonte: output do SPSS 20.

Para testar as hipóteses, foi calculada a regressão múltipla linear para verificarmos o comportamento de y (variável dependente) em função de x (variáveis independentes). A Tabela 3 apresenta o resultado para o desempenho esportivo dos países entre os Jogos Olímpicos de 1896-2012. Na tabela, o Modelo 1 considera apenas as variáveis de controle, o Modelo 2 considera as variáveis independentes e o Modelo 3, que é o modelo completo, considera todas as interações.

Os resultados das regressões realizadas para identificar os efeitos das distâncias culturais no desempenho esportivo dos países entre as edições dos Jogos Olímpicos de 1896 a 2012 são mostrados na Tabela 2. O Modelo 1 mostra o resultados obtidos quando apenas as variáveis de controle são incluídas. Modelos 2 e 3, respectivamente, incluem as variáveis independentes para verificar hipóteses 1, 2, 3 e 4. O Modelo 3 mostra a robustez do teste estatístico.

TABELA 3 – Resultados das regressões para desempenho nos Jogos Olímpicos

Variáveis	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3
Número total de participação na história	,089		-,026
Índice de Desenvolvimento Humano	,231*		,193
População dos países	,350*		,248
Distância do poder		,507*	,506*
Individualismo		,739*	,575*
Masculinidade		,184	,184
Aversão à incerteza		-219	-,236
N	34	34	34
F	2,879	4,735	3,304
R ²	,224	,395	,471
R ² Ajustado	,146	,312	,328

* denota significância a 5%

Fonte: output do SPSS 20.

No teste da ANOVA o *p-value* foi inferior a 0,05, portanto estatisticamente tem validade o argumento de que pelo uma das variáveis do construto distâncias culturais de Hofstede (1980) influencia a variável dependente desempenho esportivo do país na série histórica dos Jogos Olímpicos. Na regressão, por meio do teste da *variance inflation fator (VIF)*, não há problemas com multicolineariedade. As variáveis não demonstraram estar correlacionadas, os valores estão abaixo de 4, nos limites considerados adequados (HAIR et al, 2006). A variável masculinidade no teste de *tolerance* assumiu valor inadequado para o modelo de acordo com a literatura (,938).

Uma das pressuposições do teste de regressão são os resíduos, que precisam ter distribuição normal. Porém, os dados têm desvio na normalidade, pois os círculos estão distantes da reta de regressão quando plotadas num plano cartesiano. Embora, o R² seja de ,395. Isso mostra que 39,5% dos dados são explicados pelo modelo, ou seja, os resultados do modelo são moderadamente significativos, explicando 39,5% da variância do desempenho dos países nos Jogos Olímpicos de 1896 a 2012 que compõe a amostra da pesquisa, quando os grupos de variáveis independentes são analisados em conjunto.

5. Discussão

Os resultados dos Modelos 2 e 3 mostraram β negativos e não significantes, refutando a Hipótese 1. Isto significa que a incerteza é um dos principais determinantes do esporte e desempenha um papel crítico na conquista e na derrota (GUTIÉRREZ-AGUILAR,

FERNÁNDEZ-ROMERO e SAAVEDRA-GARCÍA, 2014). O índice de aversão à incerteza de Hofstede (1983) avalia em que medida as pessoas se sentem ameaçadas pela incerteza e ambiguidade e, assim, tentar evitar essas situações. Os resultados não evidenciaram que exista no esporte um mecanismo de enfrentamento contra a incerteza, que esteja relacionado ao aumento do desempenho esportivo. Portanto, não é estatisticamente verdadeiro que os esportistas de países mais vencedores nos Jogos Olímpicos são provenientes de um ambiente institucional mais previsível.

Os resultados dos Modelos 2 e 3, que incorporam interações entre as medidas de distância do poder e desempenho esportivo dos países nos Jogos Olímpicos, mostram um positivo e significativo coeficiente para a interação entre as duas variáveis, confirmando a Hipótese 2. Este resultado indica que países com pessoas menos tolerantes a desigualdade dentro de sua sociedade colhem mais benefícios nos Jogos Olímpicos do que quaisquer outros países com capacidades que tenham se desenvolvido para aceitar o distanciamento entre ricos e pobres, em uma ampla variedade de continentes. Tendo em conta os níveis mais baixos de tolerância à desigualdade e as interações menos frequentes com pessoas de classes sociais inferiores, uma maior diversidade do ambiente institucional para a formação do atleta implica maiores riscos e dificuldades para a coordenação das equipes esportivas, o que pode ter um impacto negativo sobre o desempenho nos Jogos Olímpicos.

O coeficiente da interação entre o índice de masculinidade e desempenho esportivo dos países nos Jogos Olímpicos é positivo e não significativo, refutando a Hipótese 3. Assim, nos Modelos 2 e 3 é possível observar que países orientados pelo resultado e meta, mais masculinos, portanto, não têm seu desempenho esportivo relacionado diretamente por serem culturalmente mais preocupados com o sucesso e fracasso do que outros países. Ademais, é possível inferir que esse comportamento coletivo de vencer a qualquer custo não é o que determina a conquista de medalhas nos Jogos Olímpicos.

O coeficiente da interação entre o índice de individualismo e desempenho esportivo dos países nos Jogos Olímpicos é positivo e significativo, confirmando a Hipótese 4. Assim, nos Modelos 2 e 3 é possível observar que em países que o individualismo é a cultura dominante, com valorização da realização pessoal e a autonomia, o desempenho esportivo nos Jogos Olímpicos é superior. Isso ocorre em países que são mais propensos a assumir riscos quando a recompensa (medalha) é vantajosa. É possível inferir que países mais coletivistas são mais avessos ao risco do que os individualistas em situações de alto risco, pois as decisões do grupo exibem uma variância menor do que decisões individuais. Hofstede (1983) explica que essa evidência é verdadeira, pois em países com alto índice de individualismo as decisões são tomadas pelo indivíduo, e não pelo grupo, e essas decisões tendem a ser conduzidas mais por excesso de confiança. O individualismo tanto no Modelo 1, como no Modelo 2, mostrou-se com o maior β na regressão. Portanto, estatisticamente é a variável independente como maior capacidade influenciar o aumento do desempenho esportivo dos países nos Jogos Olímpicos. Isso denota que países com desempenho baixo (poucas medalhas) são mais coletivistas do que países com desempenho superior. Em relação ao índice de individualismo, há uma clara diferença entre os países. Na América do Norte e na Europa há mais países individualistas (Hofstede, 1980), com as pontuações relativamente elevadas e com um número de conquista de medalhas significativa: Canadá (25 participações, 278 medalhas), França (26 participações, 671 medalhas), Alemanha (15 participações, 573 medalhas), Hungria (25 participações, 475 medalhas), Itália (26 participações, 550 medalhas), Holanda (24 participações, 266 medalhas), Reino Unido (27 participações, 780 medalhas), Estados Unidos (26 participações, 2.399 medalhas). O único *outlier* do modelo é a China, que tem baixo índice de individualismo e

elevado desempenho esportivo (9 participações, 473 medalhas, média de 52 medalhas por cada edição dos Jogos Olímpicos que participou).

6. Considerações finais

O presente estudo identificou os efeitos das distâncias culturais no desempenho esportivo dos países entre as edições dos Jogos Olímpicos de 1896 a 2012, dando especial atenção para a conquista de medalhas por parte dos países. Apesar do fato da auto percepção do 'nós' ser tradicionalmente considerada uma vantagem para os atletas olímpicos, sugerimos que a baixa tolerância às desigualdades dentro do país e o elevado individualismo dos países são os principais determinantes daqueles países que ao longo da história conquistaram um maior número de medalhas olímpicas. Ao contrário disso, não comprovamos existir relação entre maior aversão à incerteza e maior número de medalhas olímpicas conquistadas, assim como maior índice de masculinidade e maior número de medalhas olímpicas conquistadas.

Contribuímos para a literatura sobre o papel das instituições sobre o desempenho esportivo dos países (GUTIÉRREZ-AGUILAR, FERNÁNDEZ-ROMERO e SAAVEDRA-GARCÍA, 2014), explicando como o ambiente institucional, neste caso, as distâncias culturais, afeta o desempenho esportivo e como esta influência varia dependendo do continente. A análise combinada dos países e a interação com as distâncias culturais, como realizada neste trabalho, conduz a uma profunda e completa compreensão do comportamento dos países diante seu ambiente institucional (KOGUT e SINGH, 1988).

Ainda, contribuímos para o domínio substantivo. Políticas públicas de apoio e fomento ao esporte em países com baixo desempenho precisam levar em consideração que nações com baixa tolerância a desigualdades e mais individualistas são mais vencedores. Por essa razão, a preparação do atleta precisa estar alicerçada na pro atividade (menos dependência do que o treinador determina) e na orientação a resultados e metas. Algumas dessas condições do ambiente institucional das nações vencedoras podem ser reproduzidas no intuito de minimizar as distâncias culturais.

Temos de reconhecer que o nosso trabalho está sujeito a algumas limitações. Em primeiro lugar, nossos resultados cobriram a existência da relação entre x e y e não a probabilidade da relação entre distâncias culturais ser significativa, devido às limitações da disponibilidade dos dados. Em segundo lugar, a nossa amostra incluiu 34 países, por isso seria interessante, em estudos futuros, testar se em esportes coletivos e individuais as distâncias culturais provocam algum efeito no desempenho esportivo. Terceiro, usamos dados de índices de distâncias culturais, e apesar de extrapolar nossos resultados para outros contextos institucionais similares, isso deve ser feito com cautela.

7. Referências

BERNARD, A. B.; BUSSE, M. R. Who wins the Olympic Games: Economic resources and medal totals. **Review of Economics and Statistics**, v. 86, n. 1, p. 413-417, 2004.

CABALLERO, G; SOTO-OÑATE, D. The Diversity and Rapprochement of Theories of Institutional Change: Original Institutionalism and New Institutional Economics. **Journal of Economic Issues**, v. 49, n. 4, p. 947-977, 2015.

CHALKLEY, B.; ESSEX, S. Urban development through hosting international events: a history of the Olympic Games. **Planning perspectives**, v. 14, n. 4, p. 369-394, 1999.

- DEEPHOUSE, David L.; NEWBURRY, William; SOLEIMANI, Abraham. The effects of institutional development and national culture on cross-national differences in corporate reputation. **Journal of World Business**, v. 31, n. 1, 2016.
- DEYNELI, F. Analyzing the Relationship between National Cultural Dimensions and Tax Morale. **Journal of Alanya Faculty of Business**, v. 6, n. 2, p. 55-63, 2014.
- EISENHARDT, K. M. Agency- and Institutional-Theory explanations: the case of retail sales compensation. **Academy of Management Journal**, v. 31, n. 3, p. 488-544, 1988.
- FERNÁNDEZ-DOLS, J. M.; RUIZ-BELDA, M. A. Are smiles a sign of happiness? Gold medal winners at the Olympic Games. **Journal of personality and social psychology**, v. 69, n. 6, p. 1113, 1995.
- FUENFSCHILLING, L; TRUFFER, B. The structuration of socio-technical regimes-Conceptual foundations from institutional theory. **Research Policy**. v. 43, n. 4, p. 772-791, 2014
- GILMOUR, C; ROWE, D. Sport in Malaysia: National Imperatives and Western Seductions. **Sociology of Sport Journal**, v. 29, n. 4, p. 485-505, 2012.
- GUTIÉRREZ-AGUILAR, Ó; FERNÁNDEZ-ROMERO, J.J.; SAAVEDRA-GARCÍA, M. Determination of the home advantage in handball Olympic Games and European Championships. **Journal of Human Sport & Exercise**, v. 9, n. 4, p. 752-760, 2014.
- HAIR, J. F., ANDERSON, R. E., TATHAM, R. L., BLACK, W. C., & BABIN, B. J. **Multivariate data analysis**. 6th ed. Upper Saddle River: Pearson Prentice Hall, 2006.
- HAN, S; KANG, T; SALTER, S.; YOO, Y. K. A cross-country study on the effects of national culture on earnings management. **Journal of International Business Studies**, v. 41, n. 1, p. 123-141, 2010.
- HOFFMAN, A. J.; JENNINGS, P. D. Institutional Theory and the Natural Environment: Research in (and on) the Anthropocene. **Organization & Environment**, v. 28, n. 1, p. 8-31, 2015.
- HOFSTEDE, G. **Culture's consequences: International differences in work-related values**. Beverly Hills: Sage Publications, 1980.
- HOFSTEDE, G. National cultures in four dimensions: A research-based theory of cultural differences among nations. **International Studies of Management & Organization**, v. 13, n. 1/2, p. 46-74, 1983.
- HOFSTEDE, G.; BOND, M. H. Hofstede's culture dimensions an independent validation using Rokeach's value survey. **Journal of cross-cultural psychology**, v. 15, n. 4, p. 417-433, 1984.
- HOFSTEDE, G. The cultural relativity of the quality of life concept. **Academy of Management review**, v. 9, n. 3, p. 389-398, 1984.
- HUMAN DEVELOPMENT REPORTS. Human Development Index (HDI). s/d. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/content/human-development-index-hdi>. Acesso em 29 Jan. 2016.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Results and Medalists**. s/d Disponível em: <http://www.olympic.org/olympic-results>. Acesso em 8 Jan. 2016.

ISTRATE, I. V.; MACOVEI, S; BUCUR, M. The Role of Performance Pyramid in Sports Management Case Study - The Athletics Section in CSM Onesti. **Sport Science Review**, v. 24, n. 4, p. 215-234, 2015.

KOGUT, B.; SINGH, H. The effect of national culture on the choice of entry mode. **Journal of International Business Studies**, v. 19, p. 411-432, 1988.

_____. What did GLOBE really measure? Researcher's minds versus respondent's minds. **Journal of International Business Studies**, v. 37, n. 6, p. 882-896, 2006.

MEYER, R; HOLLERER, M. Does Institutional Theory Need Redirecting?. **Journal of Management Studies**. v. 51, n. 7, p. 1221-1233.

PARK, J; KIM, D; ZHANG, C. Understanding Cross-National Differences in Risk Through a Localized Cultural Perspective. *Cross-Cultural Research*. 50, 1, 34-62, 2016.

TIAN, L.; LI, Y.; LI, P. P.; BODLA, A. A. Leader-member skill distance, team cooperation, and team performance: A cross-culture study in a context of sport teams. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 49, 183-197, 2015.

TOOHEY, K.; VEAL, A. J. The Olympic Games: A social science perspective. Oxfordshire: CABI, 2007.

WANG, C.; HONG, J.; KOFOUROS, M.; WRIGTH, M. Exploring the role of government involvement in outward FDI from emerging economies. **Journal of International Business Studies**, v. 43, n. 7, p. 655-676, 2012.

WORD BANK. **Countries and Economies**. s/d. Disponível em: <http://data.worldbank.org/country/>. Acesso em 19 Jan. 2016.